



REPORTAGEM DE CAPA

SÉRGIO MORO, JORNALISTA

EDITORES FESTEJAM O PROFISSIONAL DO ANO NA IMPRENSA. ELE PAUTA, **INVESTIGA, EDITA** (SELETIVAMENTE) E DÁ ASPAS

por NIRLANDO BEIRÃO

A

ASSOCIAÇÃO nacional de Editores de Revistas (Aner) administra um negócio que perde circulação e faturamento, e, pior, perde relevância e credibilidade, debilitada pela prisão do pensamento único e esclerosado. De acordo com pesquisa da Secretaria de Comunicação do governo federal, apenas 7% dos brasileiros leem algum tipo de revista. E 56% confia pouco ou desconfia do que lê. O setor continua, no entanto, a insistir em bailar no precipício. Desta vez, pelo menos, em seu nono fórum anual, realizado na segunda-feira 23 em São Paulo, fez todo o sentido a escolha do personagem a quem o baronato da mídia pretendia festejar, com carinhos estrepitosos de ovação de pé e rapapés dignos de salvador da pátria.

O juiz Sérgio Moro, *condottiere* da Operação Lava Jato, é enfim o melhor com que podem sonhar hoje a indigência criativa, a má-fé jornalística e a penúria financeira das revistas do *status quo*. Moro revelou uma insuspeitada vocação de faz-tudo do ofício jornalístico: apura, pauta, repassa informações, distribui dossiês, sussurra off's, oferece aspas quando convém,

deixa no ar acusações infundadas. Melhor de tudo, opera naquela frequência dos interesses sempre unilaterais e partidários de seus agora parceiros de redação. Ou seja, só diz e só repassa o que certa mídia do privilégio quer dizer e repassar. Quando lhe foi perguntado, no fórum, se seus vazamentos são seletivos, tergiversou e não respondeu.

O tema da palestra/entrevista do justiceiro de Curitiba era de ruborizar um fariseu: “O papel do jornalismo no meio revista na cobertura da Operação Lava Jato. O jornalismo investigativo de qualidade como pilar da democracia e das instituições brasileiras”. Palanque apropriado para um integrante do andar de baixo do Judiciário exaltar, ainda que com o malabarismo verbal ardiloso de quem age como político fingindo falar como magistrado, suas próprias virtudes de supremo beldade da moralidade pública. Equilibrista das palavras, nem por isso o juiz Moro se privou de, como era de se esperar, em meia hora de palestra e na posterior sabatina, deixar claro de que lado ele está. Quer dizer, do lado daqueles que vivem a clamar pela liberdade de imprensa, naturalmente só facultada a quem pensa como eles. Perguntam por aí nas redações da corporação oligárquica como é que os patrões lidam com os eventuais repentes de autonomia de subalternos insolentes.

O *Duce* da Lava Jato compareceu a bordo de sua indefectível *camicia nera*, o que pode sugerir aos mais desconfiados uma filiação ideológica que o sobrenome talvez *meridionale*

DAVI RIBEIRO



perigosamente prenuncia. Olhando-o de perto, porém, dá para interpretar que o pretinho básico do juiz curitibano obedece a um dispositivo estético, sendo a camisa *fit*, a gravata fininha e o terno de corte justo ade-reços indicativos de que o ilustre magistrado possa, no fundo, ter como ambição maior se despir daquela toga impessoal e se fazer passar por um musculoso *hunky boy* de academia.

O aconchego de uma ruidosa ação entre amigos, sob o abrigo da associação dos donos da verdade, perdão, donos de revistas, cenáculo dos autoproclamados tutores da opinião pública, teve o condão de relaxar o xerife de Curitiba em sucessivos esgares de ironia sorridente. Mas ele não está para brincadeira. Acuado pelo que diz ser o imobilismo do Congresso e do Executivo em combater “a corrupção endêmica”, convoca as massas para voltar às ruas, ainda que se acutelando com a ressalva de que as manifestações de meses atrás tinham “várias pautas”. Parece vítima de um surto messiânico à moda daquele “não me deixem só” do ex-presidente Collor. Sente-se, vez e outra, “uma voz clamando no deserto”. Deve andar vendendo demais as novelas bíblicas da Record.

No hotel de grife Renaissance, a Aner, sem medo da contradição, entoou o coro da Contrarreforma, com o juiz Moro convidado a ocupar a cabeceira do ágate. Os cardeais-revisteiros haviam convidado, para fazer as honras da casa, o cabeça daquela que já foi a mais imponente instituição da categoria: a Editora



NÃO ME DEIXEM SÓ
“Uma voz clamando no deserto”, diz Moro.
Deve estar vendo as novelas bíblicas da Record

MAIS POLÍTICO QUE JUIZ, ELE CONCLAMOU AS MASSAS A VOLTAR AS RUAS E PRESSIONAR GOVERNO E CONGRESSO

lista de tão levados propósitos. O manifesto foi gravado por um locutor cujo timbre solene, sincopado, parecia emergir da caverna do Batman. Quase não deu para identificar o William Bonner. Ironia que a mídia impressa tenha de tomar emprestado da tevê o intérprete para seus pontos de vista. Desprezou a fina estampa do rapaz para ficar apenas com aquela voz que se notabilizou por narrar notícias desacreditadas. •

Abril. Mas Giancarlo Civita se desculpou e não compareceu. É possível que lhe tenha movido o nobre constrangimento de se exibir em público em momento em que sua companhia se encontra em “reestruturação”, como noticiou a *Folha de S.Paulo* (quando interessa, até a Folha é capaz de manusear um eufemismo; se fosse a Petrobras, por exemplo, a Folha chamaría a “reestruturação” pelo nome correto de liquidação). De 2003 para cá, a Abril “se desfez” (*apud Folha*) de 11 revistas e vendeu outras sete.

Ao fim do convívio, tão logo o juiz Moro virou as costas para prosseguir em sua missão de Moisés no Sinai, o presidente da entidade, Frederic Kachar, da Editora Globo, divulgou um manifesto de 13 parágrafos do qual respigavam, com insistência pegajosa, os clichês da desfaçatez: liberdade, independência, convicção, paixão, confiança, confiabilidade, credibilidade. Ou seja, todos aqueles valores que os veículos do privilégio têm sacrificado tão alegremente no altar de seus mesquinhos interesses. “Somos a soma de nossas escolhas e as revistas estão aí para nos ajudar a escolher”, diz o manifesto. De cara, “escolher em quem votar”. Eis o item 1 da